

Macabéa: A Hora do Simulacro

Helano Jader Ribeiro*

Resumo: Este artigo intenta uma conversa com *A hora da estrela* de Clarice Lispector. O objetivo é resgatar a singularidade da personagem Macabéa, analisá-la não somente como uma retirante nordestina no Rio de Janeiro, mas mostrar, que, através de sua morte, um acontecimento, a protagonista se revela como uma estrela que se destaca de sua constelação. A discussão crítica é perpassada, em especial, pelo pensamento de Gilles Deleuze e seu resgate do simulacro como uma forma de mostrar a morte e vida das singularidades esquecidas.

Palavras-chave: Clarice Lispector; singularidade; Gilles Deleuze

Abstract: This article attempts a conversation with *The hour of the star* by Clarice Lispector. What i want is to rescue the singularity of character Macabéa, analyze it not only as a migrant from northeastern in Rio de Janeiro, but show that through her death, an event, the protagonist turns out to be a star that stands out from its constellation. A critical discussion is pervaded, in particular, by the thought of Gilles Deleuze and his rescue of the simulacrum as a way to show the entry of singular figures in history.

Keywords: Clarice Lispector; singularity; Gilles Deleuze

* Doutorando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

“O que existirá de mais importante para se pensar, nesse século XX, do que o acontecimento e o fantasma?” (FOUCAULT, 2008, p.242). Desta forma caminha Michel Foucault para a problemática do pensamento em torno das singularidades nas obras de Deleuze **Lógica do sentido** e **Diferença e repetição**. Pensar sobre o que já foi pensado, talvez subvertê-lo. Pensar até mesmo sobre a tolice. Assim fala Foucault em seu texto de 1970 “*Theatrum Philosophicum*”:

A tolice se contempla: nela mergulhamos o olhar, deixamo-nos fascinar, e ela nos transporta com doçura, a imitamos, a ela nos abandonamos; apoiamo-nos e, sua fluidez sem forma; espreitamos o primeiro sobressalto da imperceptível diferença e, com o olhar vazio, espiamos sem paixão o retorno do relâmpago. Ao erro, dizemos não, e falhamos: dizemos sim à tolice, a olhamos, a repetimos e, suavemente, clamamos pela total imersão. (FOUCAULT, 2008, p.248).

Nesta perspectiva, analisar a personagem Macabéa de **A hora da estrela** sob a ótica de uma personagem plana parece-me reducionista e equivocado, mesmo se pensarmos no seu aspecto tolo. Vê-la como uma singularidade parece-me menos óbvio e redutor. O narrador de **A hora da estrela**, Rodrigo S.M. diz: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham.” (LISPECTOR, 1998, p.16). Macabéa nos leva à reflexão através de sua tolice, à porta do pensamento através de caminhos sinuosos.

A esses caminhos sinuosos corresponde a lógica de sentido deleuziana. Não somente o pensamento como força motriz, mas também o não-pensamento: “Acho melhor não” – no original, “*I would prefer not to*” – de Bartleby, o personagem de Herman Melville do conto **Bartleby, o escrivão**, surge como exemplo do desarticular do outro através do não-pensamento, através do que Deleuze em **Crítica e clínica** chama de **fórmula**. O advogado do conto revela não encontrar

nele nenhum traço humano, Bartleby não corresponde aos padrões comuns já determinados, principalmente, graças ao seu discurso. Em “Bartleby, ou a fórmula”, Deleuze mostra que é esse o procedimento do personagem de Melville:

A fórmula I WOULD PREFER NOT TO exclui qualquer alternativa e engole o que pretende conservar assim como descarta qualquer outra coisa; implica que Bartleby pára de copiar, isto é, de reproduzir palavras; cava uma zona de indeterminação que faz com que as palavras já não se distingam, produz o vazio da linguagem. Mas também desarticula todo ato de fala, ao mesmo tempo que faz de Bartleby um puro excluído, ao qual já nenhuma situação social pode ser atribuída. (DELEUZE, 1997, p.85).

E mesmo executando seu trabalho, Macabéa copia, executa, todavia comete erros. Se imita seu chefe, é porque ela mesma prefere não articular independente, porque cansou de reproduzir palavras, circunscreve-se na e para a linguagem através desse vazio, dessa indiferença. Como sabê-la plenamente, se o que ela reproduz é falso, é imitação do outro?

A in-diferença é motor do acontecimento; a linguagem cria o evento, do mesmo modo que a não-linguagem. Assim como o Bartleby de Melville, Macabéa é intransitiva, o que a torna singular, da mesma forma que o personagem de Albert Camus em **O estrangeiro**. Meursault paga com a própria vida pelo seu silêncio, pelo calar-se. Se Bartleby “acha melhor não” fazer, inoperando todo o sistema em uma firma na capitalista Wall Street, temos Macabéa, que se esconde por trás de sua bobice, de modo a desarticular o discurso do outro:

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter

no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento.[...] O senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe havia virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer como menos grosseria na voz, embora a contragosto: – Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco. (CLARICE, 1998, p. 25).

Nessa lógica da tolice, podemos pensar também no livro **O que é a Filosofia?**, Quando Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992, p.84) explanam sobre o personagem conceitual¹: “não é mais um tipo que gagueja numa língua, mas um pensador que faz gaguejar toda a linguagem”. Para os pensadores franceses, os personagens conceituais são potências de conceitos, enquanto figuras estéticas são potências de *affectos* e de *perceptos*. As grandes figuras estéticas do pensamento e do romance, mas também da pintura, da escultura e da música, são produtores de *affectos* que se sobrepõem às afecções e percepções mais usuais, do mesmo modo os conceitos transbordam as opiniões correntes.

Segundo Michel Foucault, em relação à morte e ao acontecimento em seu “*Theatrum Philosophicum*”: “O acontecimento não é um estado de coisas que poderia servir de referente a uma proposição (o fato de estar morto é um estado de coisas em relação ao qual uma asserção pode ser verdadeira ou falsa; morrer é puro acontecimento que jamais verifica nada)”. (FOUCAULT, 2000, p.236). De modo que devemos

¹ O personagem conceitual ou o idiota de Deleuze e Guattari é aquele que forma um conceito a partir de si mesmo, ele deseja o absurdo. O idiota clássico deseja a verdade, mas o novo transforma em potência o absurdo de seu discurso.

pensar na morte como uma aliada do pensamento, do acontecimento, do fantasma, da diferença e da repetição. Sob esta dimensão quero pensar a morte da personagem Macabéa como puro acontecimento, um vislumbre. E assim diz o narrador Rodrigo S.M: “O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror”. (LISPECTOR, 1998, p.18). Acontecimento e sofrimento, através das palavras do narrador, parecem o prenúncio da hora da estrela “Por isso não sei se minha história vai ser – ser o quê? Não sei de nada, anda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá.” (LISPECTOR, 1998, p.22).

‘A hora da estrela’ é a hora da nossa morte, pois, nesse momento, o ser humano deixa de ser invisível às pessoas, que percebem a existência apenas no momento da despedida, do último aceno. O narrador decide, nas últimas páginas, e, finalmente, que a hora da estrela é a hora da “grandeza de cada um”. (LISPECTOR, 1998, p. 86).

A morte de Macabéa é um acontecimento, é, pois, uma singularidade. Deleuze em **Crítica e clínica** traduz a singularidade por originalidade e diz:

Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade. (DELEUZE, 1997, p. 95-96).

A respeito de Macabéa, vemos sua singularidade apenas pelo fato de ela existir, por estar lá, potente figura solitária, de uma lógica cuja compreensão comum é incapaz de alcançar. O narrador a desarma de início, apaga sua identidade para torná-la nula, ele a deprecia e a joga em um mundo de clichês, de simulacros abandonados, só para depois, ao final, render-se a ela: “Ela somente vive, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo”. (LISPECTOR, 1998, p.23). Rodrigo S.M. sequer sabe seu nome

no início da narração: “Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça”. (LISPECTOR, 1998, p.19). Aliás, o narrador e sua criatura, Macabéa, parecem representar um pólo de tensão que dialoga e se funde. Rodrigo S.M., no entanto, muda sua posição de ataque para admirador: “Só eu a vejo encantadora. Só eu a amo”. (CLARICE, 1998, p.27).

Podemos relacionar a singularidade à morte como só ela sendo singular e única ao não utilizar artifícios, particulares ou universais. Ela própria é repetição deleuziana, não representa uma generalidade. A definição para Deleuze de repetição é o contrário daquilo que entendemos por “repetição” e daquilo que se compreende ordinariamente por “repetição” sob a concepção da generalização e generalidade. A repetição não está ligada, para Deleuze, à reprodução do mesmo e do semelhante, mas à produção da singularidade e do diferente. A repetição é o motor da diferença.

Macabéa representa uma singularidade, apesar de sua condição de retirante nordestina, ou seja, entre tantas outras que foram ao Rio de Janeiro ou a São Paulo. A vaidade do narrador, Rodrigo S.M, não a capta como uma estrela, mas prefere inseri-la em uma constelação, em que brilham várias outras estrelas como ela: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa.” (LISPECTOR, 1998, p.14).

Quero ainda pensar sobre as singularidades, o ser-com através de Jean-Luc Nancy ao acrescentar à idéia de singularidade em seu livro **Ser singular plural**:

Ser singular plural quiere decir: La esencia del ser es, y sólo es, como co-esencia. Pero una co-esencia, o el ser-con – el ser-con- varios – apunta a su vez a la esencia del co-, o incluso, y más bien, el co-(el cum) mismo en posición o a la manera de esencia. Una co-esencialidad, en efecto, no puede consistir en un conjunto de

esencias donde quedaría por determinar la esencia del conjunto como tal: con relación a éste, las esencias reunidas tendrían que ser accidentes. La co-esencialidad significa la participación esencial de la esencialidad, la participación a la manera de conjunto, si se quiere. Lo que aún podría decirse de este modo: si el ser es ser-con, en el ser-con es el "con" lo que da el ser, sin añadirse. (NANCY, 2006, p. 46).

Macabéa morta, Macabéa desejando se afirmar diante de outras Macabéas, revelando-se em um devir acontecimento, ser singular, ser-com, quase arrebatador: “Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais Macabéa, como se chegasse a si mesma.” (LISPECTOR, 1998, p.82).

Quero ainda pensá-la, através do fantasma que a atravessa e a revela como um vaga-lume; assim como uma estrela, é o que brilha, representa o momento, esse *Augenblick*², esse contemporâneo difícil de capturar, de captar, pois que é luz fugidia, assim como o piscar dos vaga-lumes. Por que os vaga-lumes? Porque parecem persistir, com sua luz inconstante, estelar, em um mundo dominado pelas luzes artificiais onde a cultura e o pensamento são absorvidos e manipulados pela mídia e pela política, os vaga-lumes são essas figuras singulares que resistem à luz da glória.

Recorro ao pensamento de Didi-Huberman (2009) em seu livro **Sobrevivência dos vaga-lumes**, em que o pensador francês, fazendo uma leitura crítica do “Artigo dos vaga-lumes”, de autoria do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, reivindica a sobrevivência crítica da cultura. Didi-Huberman analisa a obra de Pasolini, em especial filmes que sempre privilegiaram o povo, até chegar à sua fase última, em que o povo padece nas mãos de carrascos fascistas.

² Palavra em língua alemã para momento, composta das palavras *Augen* (olhos) e *Blick* (olhada), é uma olhada dos olhos, algo que, pela morfologia da palavra alemã, mostra a fugacidade da palavra.

Refiro-me ao polêmico **Salò, ou os 120 dias de Sodoma**, em que Pasolini parece render-se a certo pessimismo existente na Itália pós Segunda Guerra.

A sobrevivência dos vaga-lumes mostra a fragilidade, mas também resistência dos vaga-lumes, seres noturnos que parecem estar em vias de extinção³: “Assim, a vida dos vaga-lumes parecerá estranha e inquietante, como se fosse feita de matéria sobrevivente – luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeadas – dos fantasmas. Fogos enfraquecidos ou almas errantes”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.13-14). Essa me lembra a Macabéa esquecida, pouco brilhante, alma errante que, no momento em que pisca, parece não ser captada aos olhos de uma crítica que a reduz à condição de retirante nordestina, crítica que se deixa ofuscar pelas luzes da glória aparente do narrador, Rodrigo S.M.

Macabéa é uma personagem pitoresca, uma existência individual, que vai além de algumas interpretações sociológicas que analisam o romance através de certa tendência regionalista de Clarice Lispector, pouco conhecida até então, ou numa generalidade, não-singularidade. Penso no livro **A escritura de Clarice Lispector**, de Olga de Sá (1979, p. 210), obra consagrada dentro da fortuna crítica clariceana, que aponta para uma Macabéa, sobretudo nordestina, rasa:

Macabéa, a alagoana, é feita de matéria rala, quase imponderável. Tem o heroísmo dos seus irmãos bíblicos, os sete macabeus. [...] Maca é nordestina, toda fome e deserto. [...] Personagem coletiva é o nordestino “*essa raça anã teimosa que um dia vai reivindicar o direito ao grito*”.

Em artigo mais recente, nota-se que o viés sociológico não foi esquecido:

³ Didi-Huberman baseia-se em estudos que, se não mostram o desaparecimento dos vaga-lumes, comprovam o decréscimo do número de vaga-lumes.

Macabéa representa uma classe social marginalizada e excluída do mundo letrado, assim como desprovida de consciência política, social e cultural, vivendo em uma realidade imersa ao descaso. A existência de Macabéa provoca uma análise sobre a absorção desse povo no meio urbano, já modernizado e próspero diante da situação que era vivida no nordeste do país nesse período. (FARAOM; SPEGGIORIN; LÂNGARO, 2010, p. 4).

Esquecer o restante da obra de Clarice Lispector, profundamente introspectiva, ontológica, seria, possivelmente, imprudente. **A hora da estrela**, seu último romance, não aponta para o problema dos oprimidos, mas sim para a singularidade de cada ser humano. A obra clariceana tem sido tomada por muitos trabalhos críticos como expressão monológica a ser decifrada de um discurso intra-reflexivo, figurando ainda, como um dos exemplos clássicos de fluxo de consciência:

A hora da estrela, que precedeu de meses o passamento de Clarice Lispector em 1977, e **Um sopro de vida**, concluído na mesma data, mas só postumamente publicado, permitem desvendar, por uma sorte de efeito retroativo, certas articulações da obra inteira de que fazem parte, dentro do singular processo criador da ficcionista, centrado na experiência interior, na sondagem dos estados da consciência individual, que principiou em **Perto do coração selvagem**. (NUNES, 1973, p. 160).

Para pensar numa Macabéa singular - profunda, ser que caminha para morte, pois se dá conta de sua finitude - valho-me de Deleuze e seu livro de 1968, que foi sua tese de doutorado, **Diferença e Repetição**. Deleuze revela no mundo moderno a falência da representação, mostrando que a maior das repetições apresenta o máximo de diferenças:

Nossa vida moderna é tal que, quando nos encontramos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipa-

das, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças [...] a tarefa da vida é fazer que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença. (DELEUZE, 2006, p.16).

É na diferença que podemos encontrar o singular. Estendendo o pensamento sobre a repetição deleuziana em seu livro **Lógica do sentido**:

Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência [...] a repetição é a transgressão. (DELEUZE, 2006, p.21).

A generalidade pressupõe uma substituição de termos, ao contrário, a repetição deleuziana representa singularidade, em que há impossibilidade dessa troca de termos. Ela é insubstituível, assim como Macabéa. Uma vez que única na sua singularidade, Macabéa se revela como ser-humano independente de qualquer qualidade geral que a capte para um mundo de generalizações: nordestina, datilógrafa, ou qualquer outro atributo profissional, sociológico.

A lei impossibilita a repetição, ao mesmo tempo em que reproduz a semelhança, a generalidade, ordem das leis. Rodrigo S.M. relata porque esta é sua função de narrador, afirma escrever “por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’”. O narrador insiste constantemente em apagar a singularidade de Macabéa, tentando, através desse gesto, anular a repetição como potência de sua singularidade: “Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina”. (CLARICE, 1998, p.21). A repetição vai de encontro à lei já que é força estanque para todas as diferenças e repetições. Macabéa morre e através de sua morte singular foge à lei, foge à sua semelhança, que é ser uma nordestina retirante como muitas outras.

Não é mais a hora de uma nordestina qualquer, mas a hora da (preposição “de” + artigo definido “a”) estrela Macabéa. Sua morte é redentora. Deleuze diz:

A repetição aprisiona; mas, se morrermos uma dia por causa da repetição, ela também salva e cura, antes de tudo, da outra repetição. Há, portanto, na repetição, ao mesmo tempo, todo o jogo místico da perdição e da salvação, todo jogo teatral, todo o jogo teatral da morte e da vida, todo jogo positivo da doença e da saúde. (DELEUZE, 2006, p.25).

Se a repetição é transgressão o fantasma gira em torno da repetição, pois de acordo com Foucault: “a metafísica do fantasma gira em torno do ateísmo e da transgressão” e acrescenta a respeito do livro de Deleuze, **Lógica do sentido**. “Lógica do sentido nos diz como pensar o acontecimento e o fantasma” (FOUCAULT, 2008, p.234), ou seja, como pensar a singularidade, a diferença e a repetição, ou, simplesmente, como pensar.

É isso que nos ensina Deleuze em sua **Lógica do sentido**. Subverter o platonismo não quer dizer negá-lo, mas sim, apontar nele possibilidades que devem ser resgatadas e lidas de outra forma na modernidade, como por exemplo, a noção de simulacro, mesmo que esta já tenha sido reivindicada pelos estóicos, e, segundo Foucault (2008, p.232) é preciso subverter o discurso das generalizações para podermos resgatar os simulacros malditos: “Subverter, com Deleuze, o platonismo e se deslocar nele insidiosamente, descer um grau e ir até esse pequeno gesto – discreto, mas moral – que exclui o simulacro”. E continua: “Perverter Platão é deslocar-se na direção da maldade dos sofistas, dos gestos rudes dos cínicos, dos argumentos dos estóicos, das quimeras esvoaçantes de Epicuro.” (FOUCAULT, 2008, p.232-233).

Deve-se, pois potencializar a noção de simulacro para poder resgatá-lo. A simulação nada mais é senão o próprio fantasma; o

simulacro pertence às profundezas, o fantasma à superfície, efeito do funcionamento do simulacro. Nesse sentido, a reversão do platonismo é, então, na perspectiva de Deleuze, não simplesmente tornar o mundo sensível mais importante que as idéias, mas a aceitação do simulacro, ou seja, é fazer com que ele afirme seus direitos entre as cópias. Este é, pois, nosso objetivo, resgatar a personagem Macabéa de um mundo de outras Macabéas, tornando-a singular, devolvendo-lhe sua condição humana, sensível.

Macabéa, ainda, nos possibilita uma leitura imanente do *Dasein*, deste ser-aí. E se ela mesma não é capaz de impor questionamentos metafísicos e ontológicos elaboradíssimos, promove uma leitura de si que não deixar de passar por tais indagações: o ser humano é um ente singular, único capaz de se questionar sobre sua própria existência, possui uma compreensão do ser, visto que tem consciência de sua própria finitude.

Este ente é o homem, **ser-aí** heideggeriano, o homem enquanto um ente que existe por estar no mundo, **ser-no-mundo**. E mesmo não elaborando seus fantasmas profundamente, Macabéa não deixar de transparecer certa aflição que um dia de domingo consegue desencadear no **ser-aí** sobre sua própria condição mortal: “O pior dia de sua vida era nesse dia ao fim da tarde: caía em meditação inquieta, o vazio do seco domingo”. (CLARICE, 1998, p.35). Talvez ela tivesse uma consciência rudimentar de sua finitude, mas, quem o tem por completo? A morte pode ser sabida, mas não conhecida ou experimentada. Inclusive, Rodrigo S.M. deixa claro em sua narração que Macabéa achava que não iria morrer o que já demonstra sua capacidade de pensar criticamente sobre a própria existência. Rodrigo S.M. a sentencia à morte desde o início da novela. Ele se questiona: ela vai morrer? Sim, ela vai morrer. É a consciência da finitude, da certeza da morte, mas ela é ainda muito jovem, o fim não parecia estar tão próximo.

Na verdade, é Rodrigo S.M. quem se interessa excessivamente por questionamentos metafísicos: os quais sempre tiveram espaço de destaque na escrita clariceana. “A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar?”. (CLARICE, 1998, p.26). O que possivelmente levou a crítica, de certa forma, a se ocupar com este narrador solipsista e metafísico em detrimento da – moça pobre do nordeste – Para Benedito Nunes, a personalidade de Macabéa é sempre atravessada pela autor-idade de Rodrigo S.M.: “O narrador da *A Hora da Estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa”. (NUNES, 1989, p.169). Se o título do romance de Clarice é *A hora da estrela*, é porque o brilho estelar de Macabéa sempre ofuscou sua interpretação por parte da crítica, como o brilho do sol que incomoda e nos desvia de um olhar mais penetrante.

A própria Clarice, em sua “Dedicatória do autor”, parece também não querer aprofundar em demasia uma metafísica usual, característica comumente analisada em suas obras como no complexo **A paixão segundo G.H.**, em que a protagonista G.H. tem uma revelação através de um momento epifânico, após ter comido a barata. Todavia, em **A hora da estrela**: “Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar”. (CLARICE, 1998, p. 9).

O pensamento funciona como um produtor de fantasmas – fantasias –, gerando o acontecimento, unindo-os. Macabéa queria ser Marilyn Monroe, queria ser uma estrela. Ela vai à cartomante com o objetivo de alcançar seus fantasmas, depois da perda de seu objeto de desejo, Olímpico, busca neles a saída para novos desejos, novos sonhos. Vai à madame Carlota com dinheiro emprestado por Glória. Madame Carlota é a mulher de Olaria que põe as cartas do baralho para “ler a sorte” de Macabéa, que sai acreditando que sua vida miserável mudaria. No entanto, é atropelada por um Mercedes.

Se o calar-se de Bartleby de Melville é potência enquanto silêncio, a bobice de Macabéa pertence igualmente a essa potência do pensamento que vacila, mas não deixa de dizer. Ela é representante de uma comunidade inoperante⁴, é uma figura que nem se fecha, nem deixa capturar sua singularidade, mas sabe que tudo no mundo é dobra, e se desdobra, e se redobra, acaba por dizer através da tolice.

⁴ Nancy diz deve-se repensar a comunidade em termos distintos daqueles que, na sua origem cristã, religiosa, tinham-na qualificado, repensá-la em termos do comum e a dificuldade de compreendê-lo em seu caráter não dado, não disponível e, nesse sentido, o menos comum do mundo. Mesmo a comunidade inoperante, como chama Nancy a partir de seus estudos de Bataille, com sua recusa dos Estados-nação, partidos, assembléias, povos companhias ou fraternidades, deixava intocado esse domínio do comum e o desejo (e a angústia) do ser-comum que os fundamentalismos instrumentalizam crescentemente. Já citei alguns personagens da literatura como o protagonista de Camus, Meursault, em **O estrangeiro**, o Bartleby de Melville, ou Macabéa, que poderiam configurar como integrantes dessa comunidade inoperante, em sua necessidade de ser-com, e, ao, mesmo tempo, ter sua singularidade assegurada, em um movimento que não se fecha em si. O calar-se de Bartleby, por exemplo, é que legitima e assegura sua singularidade em sua comunidade que enfrenta o comum. Tal pensamento se assemelha ao de Giorgio Agamben em seu livro **A comunidade que vem** quando este diz que essa comunidade é aquela que o Estado não pode tolerar. Uma singularidade qualquer que o recuse sem constituir uma cópia espelhada do próprio Estado em uma imagem que possa ser reconhecida nesse sistema.

Referências

- CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pebart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DE SÁ, Olga. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979
- DIDI-HUBERMAN. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FARAOM, Vanessa Micheli; SPEGGIORIN, Marcia Munhak; LÂNGARO, Cleiser Schenatto. A hora da estrela: O sentimento de perdição do retirante nordestino sob o olhar de Clarice Lispector. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem, Cascavel, v. 1, n. 1, p.1-11, 06 out. 2010. *Anais...* Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2008/A%20HORA%20DA%20ESTRELA%20O%20SENTIMENTO%20DE%20PERDICA%20DO%20RETIRANTE%20NORDESTINO%20SOB%20O%20OLHAR%20DE%20CLARICE%20LISPECTOR.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2013.
- FOUCAULT, Michel. "Teatrum Philosophicum". In: *Ditos e escritos vol. II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MELVILLE, Herman. *Bartleby, o Escrivão – Uma História de Wall Street*. Trad. Irene Hirsh. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- NANCY, Jean-Luc. *El sentido del mundo*. Tradução para o castelhano de Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003.
- _____. *Ser singular plural*. Tradução para o castelhano de Antonio Tudela Sancho. Madrid: Arena libros, 2006.
- NUNES, Benedito. *O drama da Linguagem; uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1989.